

# **Empréstimos linguísticos no campo lexical: a contribuição do português para o léxico da língua inglesa**

Daniele de Souza Leite Molina<sup>1</sup>

**RESUMO:** Com base no escopo teórico da Sociolinguística Variacionista, busca-se investigar os empréstimos lexicais do português para a língua inglesa. Para isso, discutem-se as situações de contato linguístico e suas consequências, dando realce aos empréstimos linguísticos no campo lexical. Foi observado, no estudo de caso, um significativo conjunto de vocábulos de origem portuguesa na língua inglesa em suas variedades britânica e americana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística; Contato linguístico; Empréstimos lexicais.

**ABSTRACT:** Based on the theoretical scope of Sociolinguistics, the present article seeks to investigate the lexical borrowings from Portuguese into English Language. For this, there is a discussion on language contact and its consequences, giving emphasis to loanwords in the lexical field. It was observed in this research, a significant number of words of Portuguese origin in the English Language in its British and American varieties.

**KEY-WORDS:** Sociolinguistics; Language contact; Lexical borrowings.

## **Introdução**

Toda língua utilizada por um grupo de falantes está passível de sofrer mudanças e variações, já que nenhuma língua é cristalizada, estando suscetível às influências de outros idiomas. Devido ao contato linguístico, podem ocorrer influências de uma língua em outra ou em ambas as línguas que entram em contato. São várias as razões que levam comunidades linguísticas distintas a interagirem. Dentre essas razões, têm-se, ao longo da história, por exemplo, situações de colonização, escravidão, comércio, conquista de territórios e migração que promovem o encontro de diferentes culturas e línguas. Assim, como há a troca de diferentes culturas no que concerne à comida, aos costumes, à religião e à filosofia, há, também, inconscientemente, influências e “trocas” linguísticas. Esse contato linguístico poderá ter como resultado: bilinguismo (ou multilinguismo), o surgimento de novas línguas (pidgins e crioulos), mudanças linguísticas (fonológica, morfológica e sintática), morte de línguas minoritárias e empréstimos lexicais, entre outros. Este último caso, o dos empréstimos

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail para contato: dani.molina@globo.com.

lexicais, é o resultado mais corriqueiro da interação linguística, já que não requer grande intensidade no contato entre as línguas. Assim, os empréstimos lexicais podem ocorrer por diferentes razões, como a necessidade de um vocábulo para designar algo novo dentro da cultura que o está “recebendo” ou por uma mera questão de influência na qual o empréstimo de uma língua a outra se dá mesmo já havendo o vocábulo correspondente na língua de destino. É com o olhar voltado para os empréstimos linguísticos que o presente trabalho promove um estudo de caso: os empréstimos lexicais do português para a língua inglesa. Embora os recentes estudos apontem, apenas, em grande parte, a notória influência da língua inglesa em línguas de todo o mundo, propõe-se, neste artigo, apresentar palavras de origem portuguesa incorporadas pela língua inglesa ao longo do tempo em suas variedades britânica e americana.

Para o melhor entendimento de como os vocábulos de uma língua são incorporados a outra, propõe-se, primeiramente, uma visão ampla sobre a área da linguística que se dedica, entre outros estudos, à pesquisa do contato linguístico, a Sociolinguística Variacionista. Em seguida, apresentam-se as situações nas quais ocorre o contato entre línguas distintas e as consequências desse contato a fim de contextualizar os empréstimos linguísticos no campo lexical. Posteriormente, restringem-se as consequências da interação entre comunidades linguísticas distintas aos empréstimos lexicais e discutem-se suas motivações e resultados. Por fim, faz-se um estudo de caso de um conjunto de palavras de origem portuguesa incorporadas à língua inglesa. Pretende-se, assim, proporcionar a compreensão das situações de interação entre falantes de diferentes línguas e seus resultados, em especial, os empréstimos lexicais. Tem-se como meta, então, a apresentação de palavras de origem portuguesa “emprestadas” ao inglês.

### **1. Sociolinguística Variacionista: subsídios para a compreensão das situações de contato linguístico**

Ao se tratar de Sociolinguística, é necessário levar-se em conta que nenhuma língua existe em isolamento, não havendo meios de estudá-la como algo estagnado e intacto. Uma língua passa por variações de diferentes naturezas, sejam elas *diacrônicas* – mudanças que ocorrem através do tempo – sejam *sincrônicas* – variações regionais, sociais e estilísticas de cada indivíduo ou grupo de falantes. Tais mudanças e variações ocorrem pelo constante caráter de interação entre falantes, sejam eles falantes de uma mesma língua ou de línguas distintas.

Nas situações de contato linguístico, portanto, há a interação de comunidades linguísticas nas quais membros de uma comunidade interagem com membros de outra. Segundo Sankoff (2004, p.640), baseando-se em Weinreich (1951), Ferguson e Gumperz (1960), e Gumperz (1964), “o contato linguístico é sempre um produto histórico de forças sociais”<sup>2</sup>. Sob essa visão sócio-histórica do contato entre diferentes comunidades linguísticas, pode-se dizer que:

Historicamente, os contatos linguísticos ocorrem, em grande parte, sob condições de desigualdade social resultantes de guerras, conquistas, colonização, escravidão, e migração – forçadas ou não. Contatos naturais envolvendo urbanização e comércio como motivações de contato também são, significativamente, documentados, incluso situações de relativa igualdade (entre as comunidades linguísticas). (SORENSEN, 1967; SANKOFF, 1980 apud SANKOFF 2004, p. 641)<sup>3</sup>.

De maneira geral, dois processos sociais geraram o interesse dos sociolinguistas no âmbito do contato linguístico: conquista e imigração. Nessas situações, geralmente, a comunidade linguística minoritária sofre a imposição da língua do grupo político dominante. Se a comunidade linguística conquistada é local, essa influência dar-se-á de forma mais lenta, podendo haver gerações bilíngues nessa comunidade. Devido ao contato, haverá, nesse ambiente bilíngue, por exemplo, influências entre as línguas.

Do final do século XX até os dias de hoje, além dos casos já mencionados, há uma nova fonte de interação entre falantes de diferentes línguas: a globalização. A “interligação do mundo” permite uma enorme troca cultural e uma grande proximidade entre os países. Conseqüentemente, por meio da internet, de canais internacionais de televisão e com a maior facilidade em viagens ao exterior, há um crescimento significativo da interação de falantes de diferentes línguas, promovendo, assim, o contato linguístico e acentuando suas conseqüências.

É possível observar que a predominância ou a maior influência de uma língua sobre outra está diretamente relacionada ao poder político e econômico da comunidade linguística em questão. Em casos de colonização, por exemplo, é comum a língua do colonizador predominar sobre a língua indígena. Atualmente, quanto maior for o número de falantes de uma língua e o poder da nação que a possui como língua materna, maior será a tendência de contatos linguísticos com essa língua e, conseqüentemente, sua influência sobre outras línguas. Segundo Sankoff (2004): “Os resultados de contatos linguísticos são determinados, em grande parte, pela história social das relações entre povos, incluindo fatores econômicos, políticos, e demográficos”<sup>4</sup>. Os resultados aos quais o autor se refere serão apresentados e discutidos na próxima seção.

---

<sup>2</sup> Tradução minha.

<sup>3</sup> Tradução minha.

<sup>4</sup> Tradução minha.

É notável, portanto, que a influência linguística que uma língua exerce sobre outra(s) está intimamente ligada ao poder econômico da comunidade que a tem como língua materna, assim como a força cultural e política que esse povo representa no cenário mundial.

## **2. Contato linguístico e suas consequências**

Como já discutido anteriormente, toda e qualquer língua sofre mudanças e variações à medida que não são “rígidas” ou intactas. Nesse sentido, a presença de uma determinada língua influencia outras que estejam em contato com ela. Quando há essa interação entre diferentes línguas, uma ou ambas as línguas sofrerão mudanças. Em outros casos, quando há várias línguas em contato, é possível o surgimento de uma língua completamente nova que será usada como forma de comunicação entre falantes que não dividem uma língua em comum.

Em primeiro lugar, as consequências de um contato linguístico serão determinadas pela *intensidade do contato* entre as línguas. Para que ocorram mudanças fonológicas, morfológicas e sintáticas em uma língua por influência de outra, é preciso um profundo contato linguístico ao passo que os empréstimos lexicais de uma língua à outra requerem uma menor intensidade de contato para se realizarem. Ao se falar, portanto, de contato linguístico, é de suma importância levar-se em conta o grau de intensidade presente na interação das distintas comunidades linguísticas.

São várias as consequências de contato linguístico. Dentre elas destacam-se o bilinguismo, pidgins e crioulos, mudanças linguísticas, a morte de línguas minoritárias e os empréstimos lexicais, sendo cada resultado desse proveniente de um determinado grau de intensidade de contato.

Primeiramente, pode-se citar o bilinguismo (ou multilinguismo). Segundo o trabalho desenvolvido por Marian e Kaushanskaya (2006), em situações de bilinguismo, ou seja, quando duas ou mais línguas são utilizadas por uma comunidade linguística, há interação e influência mútua entre elas através do processo de *stream* (corrente), no qual se originam, frequentemente, empréstimos linguísticos e code-switching. Entende-se por code-switching a concorrência de mais de uma língua (ou variedade linguística) na conversação. Assim, pessoas bilíngues, muitas vezes, misturam a estrutura sintática e fonológica de línguas distintas em seu uso.

Em processos, por exemplo, de imigração de estrangeiros, há gerações que se mantêm bilíngues (utilizando sua língua materna com seus conterrâneos e a língua do país onde, agora,

residem para se comunicarem com os habitantes do novo lugar). Todavia, pode ocorrer de haver gerações que, não vendo vantagem em continuar falando a língua de seus ancestrais, seguem utilizando apenas uma língua, a sua língua materna.

Por muito tempo, estudaram-se os casos de comunidades bilíngues como a influência de uma primeira língua (L1) em uma segunda (L2). Estudos recentes, entretanto, apontam, nesses casos, influência *bidirecional* entre as línguas, ou seja, a mútua influência entre as línguas. O fato é que, em situações de bilinguismo, há contato linguístico, podendo haver os resultados mencionados anteriormente.

Outro resultado do contato linguístico é a interação de diferentes falantes que necessitam se comunicarem e não compartilham uma língua em comum. Nesses casos, como já mencionado, surge uma nova língua para suprir essa necessidade imediata. Uns dos mais interessantes resultados de contato linguístico são, então, os chamados *pidgin* e *crioulo*.

Segundo a definição apresentada por Holm (2000), “pidgin é uma língua reduzida resultante do contato extensivo entre grupos de pessoas que não possuem uma língua em comum”<sup>5</sup>. Quando emerge um pidgin, este é aprendido como uma segunda língua, não sendo, pois, a língua materna de nenhum membro dessa comunidade. Os pidgins surgem, geralmente, em situações de comércio e escravidão nas quais, ainda segundo Holm, um grupo não aprende a língua materna de outro por razões sociais, inclusive falta de confiança.

O vocabulário de um pidgin vem, principalmente, de uma única língua chamada, então, de *lexifier*. Sua estrutura é simples e seu vocabulário limitado. O pidgin também sofre influências, por exemplo, das línguas faladas no meio em que surgiu.

Quando um pidgin é adquirido, a partir da geração seguinte, como primeira língua por crianças e torna-se a língua materna de uma comunidade linguística, passa a ser chamado de *crioulo*. De acordo com Holm (2000), geralmente, “os antepassados dessas comunidades foram deslocadas geograficamente, perdendo, assim, os vínculos com a sua língua de origem e com a sua identidade sociocultural”<sup>6</sup>.

A língua crioula apresenta um alargamento em seu vocabulário e uma maior complexidade em sua estrutura. Vale lembrar que os termos pidgin e crioulo são usados por linguistas e não, necessariamente, pelos falantes dessas línguas.

É válido citar, ainda, como resultado do contato entre línguas, as mudanças linguísticas que se dão através de empréstimos fonológicos, morfológicos e sintáticos.

---

<sup>5</sup> Tradução minha.

<sup>6</sup> Tradução minha.

No primeiro caso, há a adoção de um novo som ou a mudança de um som já presente na língua sob a influência de outra língua quando estas estão em contato. A exemplo, tem-se a mudança de cinco sons na Tchecoslováquia em decorrência da grande imigração de alemães no século XIV (BORETZKY, 1991 apud SANKOFF, 2004, p. 646).

Outra forma de empréstimo linguístico é o morfológico. Neste caso, há a adoção de morfemas de uma língua por outra. Podem-se citar, como exemplo de empréstimo morfológico, os morfemas incorporados na língua inglesa *able* e *ible* que vieram do francês, assim como *hyper* do grego.

Por fim, tem-se o empréstimo sintático, que requer profundo contato entre línguas. Para haver a influência de uma língua na estrutura gramatical de outra, é preciso grande intensidade no contato linguístico. O empréstimo sintático consiste, por exemplo, na importação de uma determinada ordem de palavras por outra língua. Muitos autores veem esse tipo de empréstimo como consequência da influência lexical e pragmática. De qualquer forma, o empréstimo sintático ressalta o dinamismo existente entre as línguas. Como forma de exemplificação, tem-se a língua búlgara, que incorporou a posposição do artigo definido por influência da língua romena.

Outra grande consequência do contato linguístico que vem alarmando linguistas de todo o mundo é a morte de línguas minoritárias. Segundo Bjeljac-Babic (2009), 10 línguas morrem por ano em todo o mundo. Já, segundo Colls (2009), estima-se que atualmente existam cerca de 7.000 línguas em 200 países e que, até 2100, 90% dessas línguas tenham desaparecido. Muitas dessas línguas que correm o risco de desaparecerem são línguas indígenas e línguas de imigração, portanto, línguas não catalogadas, com falantes socialmente desprivilegiados e que sofrem o apelo de uma língua dominante, por isso chamadas de *línguas minoritárias*. Como visto, um dos perigos que essas línguas enfrentam é a imposição de outra por parte de um povo dominador. Essa opressão de línguas minoritárias pode ser o resultado de uma imposição de uma língua dominante, de guerras ou de desastres naturais, como tsunamis e terremotos.

Por fim, apresentam-se os empréstimos linguísticos no campo lexical. Os empréstimos lexicais são o resultado mais frequente do contato linguístico, já que ocorrem pela interação mais superficial entre falantes de línguas distintas se comparados a outros empréstimos. Os diferentes tipos de empréstimos lexicais e suas motivações sociais serão discutidos no próximo tópico.

### 3. Os empréstimos linguísticos no campo lexical

Os empréstimos lexicais são resquícios das relações que existiram, ou existem, entre duas ou mais comunidades. Vale lembrar que, em geral, esses empréstimos derivam da interação cultural entre comunidades linguísticas distintas. Quando uma comunidade linguística adota um vocábulo estrangeiro, este passa a ser de toda a comunidade, ou seja, o termo passa a ser igualmente utilizado por todas as camadas sociais.

Segundo Higa (1973), a intensidade dos vocábulos emprestados de uma língua a outra é o reflexo do avanço e da influência que uma nação exerce sobre a outra no campo cultural, econômico e militar. Quando essas comunidades são igualmente dominantes, ocorrem empréstimos mútuos entre as línguas ao passo que, quando as comunidades estão equiparadas em sua não-dominância, ocorrem poucos, ou não ocorrem empréstimos. Contudo, se uma nação exerce uma maior influência sobre outra, sendo, assim, considerada mais dominante, as trocas linguísticas ocorrerão, de forma predominante, da língua da nação de maior influência para a “dominada”.

Existem, principalmente, duas motivações sociais que levam uma língua a adquirir vocábulos estrangeiros. Ainda segundo Higa (1973), baseando-se em Weinreich (1953), a primeira razão é a *inovação linguística* que surge da necessidade prática que a língua apresenta de nomear algo novo que está entrando em sua cultura e que já existe em outra. Já a segunda razão surge do chamado *prestígio social* de determinada língua. Essa língua apresenta, portanto, grande influência cultural sobre outra comunidade e os membros dessa comunidade usam vocábulos estrangeiros como forma de demonstração de sua familiaridade com a língua de prestígio. É comum, também, visitantes e imigrantes de um país utilizarem vocábulos estrangeiros na sua língua materna para mostrarem seu progresso em sua aculturação. É imprescindível colocar que os motivos que levam uma língua a adotar vocábulos de outra variam de acordo com a situação na qual ocorre o contato linguístico.

Uma vez adotado um vocábulo, é interessante notar que não ocorre a adoção de novos fonemas que, por ventura, não existam nessa língua. Assim, se ocorreu um empréstimo de um item lexical com um fonema que não existia na língua que o adotou, essa língua fará adaptações a esse vocábulo para, então, ser incorporado no seu léxico, mas não mudará suas regras fonológicas.

De acordo com Ngom (2000), há dois tipos de empréstimo linguístico no campo lexical. O primeiro caso seria quando o vocábulo incorporado em uma língua é reconhecido como um vocábulo estrangeiro, ou seja, os falantes percebem que determinado item lexical é originário de outra língua. Já o segundo tipo seria a completa incorporação do item lexical à

língua que está recebendo-o de modo que não há o reconhecimento da palavra como um vocábulo emprestado de outra língua. Nesse caso, a palavra torna-se natural para os falantes devido ao seu uso constante, sua ortografia e pronúncia similar a outras palavras da língua materna.

É pertinente mencionar que o termo “empréstimo” vem sendo bastante criticado por alguns linguistas, uma vez que quando um termo estrangeiro está sendo utilizado pela língua que o adotou, este é incorporado no léxico dessa língua, não havendo meios de “devolvê-lo”, como seria previsível em um caso real de empréstimo. Além disso, há o fato de que alguns países tentam evitar influências externas em suas línguas maternas, pois julgam que, ao adotarem termos de outras línguas, há uma perda na identidade nacional. Essas questões exigiriam uma pesquisa mais aprofundada que não é o objetivo desse trabalho.

Compreendido o contexto no qual há os empréstimos lexicais, suas motivações e diferentes tipos, passaremos ao estudo de caso das palavras de origem portuguesa emprestadas à língua inglesa.

#### **4. Palavras de origem portuguesa na língua inglesa: um estudo de caso**

Para o estudo de caso proposto, utilizou-se o material *Oxford Dictionary of Foreign Words and Phrases (1997)*, que apresenta 8.000 palavras estrangeiras provenientes de mais de 40 línguas distintas. O dicionário traz vocábulos estrangeiros (*loanwords* ou “*borrowed words*”) comumente utilizados nas variedades britânica e americana do inglês, tendo como objetivo oferecer um guia para os falantes do inglês (nativos ou não) que desejam expandir seu vocabulário e aperfeiçoar a forma de se expressarem na língua. Além disso, buscou-se, em pesquisas na internet, averiguar se haveria mais palavras de origem portuguesa que, por ventura, não foram apresentadas na edição de 1997 do citado dicionário.

Em toda a pesquisa, foi possível observar que o latim e o francês apresentam o maior número de empréstimos lexicais para a língua inglesa. De acordo com o prefácio do dicionário, as palavras vindas do francês arcaico e do latim foram totalmente assimiladas à língua inglesa quanto à pronúncia, à ortografia e às formas de plural, não sendo, assim, reconhecidas como vocábulos “emprestados”.



O dicionário Oxford apresenta 55 palavras de origem portuguesa, considerando apenas uma delas (a palavra “lambada”) tipicamente brasileira. Os resultados da pesquisa estão representados no quadro abaixo <sup>7</sup>.

Quadro 1 - Empréstimos lexicais: do português para o inglês.

<b>Empréstimo lexical do português</b>	<b>Detalhamento do item lexical</b>	<b>Datação de entrada do item lexical no inglês</b>
Amok (adj = amuck)	Subst. Adj. Adv. Relativo à luta feroz; possesso de fúria homicida.	Começo do séc. XVI.
Banyan (var. banian)	1. Subst. Comerciante (baniano) 2. Subst. Vestimenta usada pelos hindus.	1. Fins do séc. XVI. 2. Começo do séc. XVIII.
Betel	Subst. Bétele. Var. bétel.	Metade do séc. XVI
Pagoda	Subst. Templo sagrado hindu. (pagode)	Fins do séc. XVI.
Typhoon	Subst. Tufão.	Fins do séc. XVI
Aldea	Subst. Vila pequena (aldeia)	Começo do séc. XVII.
Copaiba (var. Copaiva)	Subst. Do Tupi <i>copaiba</i> , do Guarani <i>cupaiba</i> . (copaíba )	Começo do séc. XVII.
Fidalgo	Subst. Plural <b>fidalgos</b> . (contração de <i>filho de algo</i> ). Homem nobre (fidalgo).	Metade do séc. XVII.
Ipecacuanha	Subst. Do Tupi-Guarani <i>ipekaaguéne</i> , de <i>ipe</i> pequeno + <i>kaa</i> folhas + <i>guíne</i> vômito. Planta brasileira usada para medicamento expectorante.	Começo do séc. XVII.
maraca	Subst. Maracá do Tupi <i>maráka</i> .	Começo do séc. XVII.
Nabob	Nababo ou em espanhol <i>nabab</i> do Urdu (dialeto do hindi) <i>nawwab</i> .	Começo do séc. XVII.
Auto-da-fé	Subst. Plural <b>autos-da-fé</b> . Sentença judicial da Inquisição.	Começo do séc. XVII.
Ayah	Subst. ( <i>aia</i> feminino de <i>aio</i> tutor). Enfermeira ou criada de compainha, especialmente de	Fins do séc. XVIII.

<sup>7</sup> É importante ressaltar aqui que, em alguns casos, certos vocábulos não existem mais na língua portuguesa ou o seu sentido se encontra modificado. Nesse sentido, para facilitar a análise etimológica dos empréstimos linguísticos do português no inglês, foram realizados alguns acréscimos entre parênteses com explicações que visam a contextualizar melhor os itens lexicais que possam gerar dúvidas.

	européus na Índia ou sudeste da Ásia.	
Commando	Subst. Plural <b>commandos</b> . de <i>commandar</i> –agora comandar - para <i>command.</i> (comando)	Começo do séc. XVIII.
Cuspidor	Subst. De cuspir para <i>spit</i> , do latim <i>conspuere</i> . (cuspideira)	Metade do séc. XVIII.
Elephanta (var. elephanter)	Subst. <i>Elephante</i> , feminino <i>elephanta</i> , do latim <i>elephantus</i> . Tempestade violenta no começo ou no final da monção.	Começo do séc. XVIII.
Piranha	Subst. Do tupi <i>piráya</i> . De <i>pirá</i> peixe + <i>sainha</i> dente.	Metade do séc. XVIII.
Senhor	Subst. Do latim <i>senior</i> .	Fins do séc. XVIII.
Amah	Subst. Ama.	Metade do séc. XIX.
Bucellas	Subst. 1. nome de uma vila perto de Lisboa; 2. vinho branco português;	Começo do séc. XIX.
Carioca	Subst. 1. nativo do Rio de Janeiro; 2. dança brasileira semelhante ao samba.	1. Metade do séc. XIX. 2. Metade do séc. XX.
Fazenda	Subst.	Começo do séc. XIX.
Fazendeiro	Subst. Quem tem ou mora em uma fazenda.	Começo do séc. XIX.
Feijão	Subst. Do latim <i>phaseolus</i> .	Metade do séc. XIX.
Garimpeiro	Subst. No Brasil: explorador de diamantes, ouro, etc.	Metade do séc. XIX.
Guarana	Subst. Do tupi <i>guaraná</i> .	Metade do séc. XIX.
Lingua geral (var. Lingoa geral)	Subst. Língua de comércio baseada no tupi e usada como <i>língua franca</i> no Brasil.	Metade do séc. XIX.
Samba	Subst. De origem africana.	Fins do séc. XIX.
Senhora	Subst. Feminino de senhor.	Começo do séc. XIX.
Senhorita	Subst. Moça jovem e solteira.	Fins do séc. XIX.
Serra	Subst. Do latim <i>serra</i> .	Metade do séc. XIX.
Sertão	Subst. Plural <b>sertãos</b> .	Metade do séc. XIX.
Vigia	Subst. Do latim <i>vigilia</i> .	Metade do séc. XIX.
Vindaloo	Subst. De vinho + alho.	Fins do séc. XIX.
Vinho	Subst.	Metade do séc. XIX.

Vinho branco	Subst.	Metade do séc. XIX.
Vinho tinto	Subst.	Metade do séc. XIX.
Bossa nova	Subst. Bossa tendência, nova feminio singular de novo.	Metade do séc. XX.
Churrasco	Subst. Provavelmente do churrascar.	Fins do séc. XX.
Fado	Subst. Plural <b>fados</b> . Música popular portuguesa, frequentemente melancólica. (fado)	Começo do séc. XX.
Favela	Subst.	Metade do séc. XX.
Favelado	Subst.	Metade do séc. XX.
Feijoada	Subst. De feijão.	Metade do séc. XX.
Lundum	Subst. Música e dança simples portuguesa de origem africana.	Metade do séc. XX.
Maxixe	Subst. Dança de origem brasileira.	Começo do séc. XX.
Pinga	Subst. Bebida tipicamente brasileira.	Metade do séc. XX.
Pousada	Subst. De pousar.	Metade do séc. XX.
Retornado	Subst. Plural <b>retornados</b> . Cidadão português que volta a morar em Portugal depois de viver em uma colônia portuguesa.	Fins do séc. XX.
Saudade	Subst. Nostalgia; característica do temperamento português e brasileiro.	Começo do séc. XX.
Tanga	Subst. 1. vestimenta indígena; 2. biquíni.	1. Começo do séc. XX. 2. Fins do séc. XX.
Vinho corrente	Subst. Literalmente “vinho comum”.	Fins do séc. XX.
Vinho da casa	Subst. Literalmente “vinho de casa”.	Metade do séc. XX.
Vinho de consumo	Subst. Literalmente “vinho para consumo”.	Fins do séc. XX.
Vinho verde	Subst. Vinho novo.	Metade do séc. XX.
Lambada	Subst. Dança de origem brasileira.	Fins do séc. XX.

Além das palavras apresentadas como de origem portuguesa, aparecem, também, 11 vocábulos indicados como *Spanish (and Portuguese)*. A semelhança entre as línguas,

portuguesa e espanhola, parece tornar tênue a distinção da origem de palavras de mesma grafia nos dois idiomas. São apontadas, dessa forma, as palavras:

Quadro 2 – Palavras vindas do *espanhol ou português*.

<b>Empréstimo lexical do português/espanhol</b>	<b>Detalhamento do item lexical</b>	<b>Datação de entrada do item lexical no inglês</b>
Auto	Subst. Plural <b>autos</b> . Peça teatral;	Fins do séc. XVIII.
Corral	Subst. Português curral.	Fins do séc. XVI.
Infante	Subst. Do latim <i>infans</i> .	Metade do séc. XVI.
Mulatto	Subst. e Adj. Mulato.	Subst. Fins do séc. XVI. Adj. Começo do séc. XVII.
Junta	Subst. Do latim <i>juncta</i> .	Começo do séc. XVII.
Recado	Subst. Plural <b>recados</b> .	Começo do séc. XVII.
Albino	Subst. Plural <b>albinos</b> .	Começo do séc. XVIII.
Curare	Subst. veneno preparado pelos índios sul americanos para envenenar flechas.	Fins do séc. XVIII.
Quinta	Subst. Quinta parte.	Metade do séc. XVIII.
Selva	Subst. Do latim <i>silva</i> .	Metade do séc. XIX.
Norteamericano	Subst. e adj. Feminino <i>norteamericana</i> .	Começo do séc. XX.

Já, em pesquisas na internet, foram encontradas palavras não apresentadas pelo dicionário *Oxford*, provavelmente por terem sido incorporadas à língua inglesa no século XXI, período que o citado material não abrange, já que sua edição é de 1997. Os vocábulos encontrados em web sites não são tão detalhados nem apresentam datação. Porém, é válido apontá-los para perceber quão dinâmica é uma língua, já que o processo de empréstimos lexicais não para. Torna-se necessário ressaltar que não foram utilizados todos os dados encontrados, já que se procurou apenas um grupo de palavras que exemplificasse os empréstimos do português para o inglês.

Quadro 3 – Dados da internet <sup>8</sup>.

<b>Palavra do português</b>	<b>Incorporação no léxico da língua inglesa</b>
Brisa	Breeze
Embaraço	Embarrass

<sup>8</sup> Os seguintes *web sites* foram consultados: [http://en.wikipedia.org/wiki/Category:Portuguese\\_loanwords](http://en.wikipedia.org/wiki/Category:Portuguese_loanwords); <http://www.feedback.nildram.co.uk/richardebbs/essays/loanwords.htm>; <http://wp.clicrbs.com.br/sualingua/2009/05/04/palavras-que-o-ingles-veio-buscar-no-portugues/>. Acessos em: 04 de nov. de 2009.

Fetichê	fetish
Marmelada	Marmalade
Capoeira	Capoeira
Mosquito	Mosquito
Caju	Cashew
Flamingo	Flamingo
Negro	Negro (pronúncia: /nigro/)
Casta	Caste
Banana	banana
Jaguar	Jaguar
Cobra	Cobra

A partir dos dados apresentados, conclui-se que os vocábulos de origem portuguesa no inglês são, em sua totalidade, *substantivos*. De acordo com o dicionário *Oxford of Foreign Words and Phrases*, a incorporação desses itens lexicais à língua inglesa ocorreu, em maior número, no século XX. Uma possível razão para esse resultado seria a globalização, que permite uma maior troca cultural e econômica entre nações de todo o mundo e, conseqüentemente, promove o contato linguístico, e a forte imigração de brasileiros, principalmente nos Estados Unidos, que permitem a troca linguística entre português e inglês, apesar de não ser possível dizer que os vocábulos portugueses entrem para o léxico inglês, predominantemente, através do português do Brasil. Para a averiguação mais específica da origem desses vocábulos (português europeu, brasileiro ou dos países lusófonos africanos), seria preciso um trabalho mais detalhado que se distancia dos objetivos do presente artigo. O que se observa é o crescimento da cultura brasileira em países como os EUA devido ao grande número de imigrantes que buscam nesses países, por exemplo, melhores empregos. Porém, para verificar até que ponto essa influência cultural está gerando empréstimos lexicais, é necessário um estudo mais específico.

Pode-se criticar, entretanto, a distinção feita por esse dicionário entre o português europeu e o brasileiro, já que, como anteriormente mencionado, a única palavra apresentada como de origem brasileira é “lambada”, ao passo que vários vocábulos, como “piranha” e “copaiba”, são apresentados com origem indígena e outros, como é o caso de “carioca” e “maxixe”, são descritos como designações de danças de origem brasileira, porém, aparecem somente como *portuguese words*. Portanto, torna-se obscura essa distinção, além de não levarem em conta os demais países lusófonos.

Infere-se, por tudo já apresentado, que o empréstimo linguístico no campo lexical é tão natural quanto às próprias mudanças que ocorrem na língua através do tempo, por exemplo. É inegável a grande influência da língua inglesa em línguas de todo o mundo devido à grande potência econômica que os Estados Unidos representam atualmente no cenário mundial. Em determinada época do passado, as potências mundiais eram outras, como foi o império romano com o latim e a França, o que na época marcou a grande influência do francês em várias línguas, inclusive no português e no inglês.

Assim, demonstra-se que o contato linguístico que promove os famosos “estrangueirismos” na língua portuguesa não é diferente no inglês ou em qualquer outra língua. Se por um lado a língua portuguesa está repleta de vocábulos “ingleses”, o português também contribui para o léxico da língua inglesa. Isso tudo porque a influência que uma língua exerce sobre outra é consequência do contato entre diferentes povos, o que sempre ocorreu ao longo da história e ocorrerá, cada vez mais, devido ao mundo globalizado.

### **Considerações finais**

Em virtude de tudo o que foi apresentado, conclui-se que os empréstimos lexicais são naturais e passíveis de ocorrerem em qualquer língua, não sendo tal influência negativa ou positiva de uma língua em outra, mas a consequência de uma troca linguística, assim como ocorrem trocas culturais, políticas e econômicas entre diferentes povos. Procurou-se apresentar a contribuição do português para a língua inglesa, visando a uma compreensão mais ampla do fenômeno “estrangueirismo” muitas vezes entendido como unilateral – do inglês para o português.

É preciso esclarecer que a presente pesquisa não abrangeu todos os vocábulos da língua portuguesa incorporados à língua inglesa, entretanto, o objetivo é mostrar que os empréstimos lexicais acontecem de ambos os lados, mesmo em intensidades diferentes devido ao poder econômico e político, como já visto, das nações que possuem essas línguas como línguas maternas e oficiais.

### **Referências Bibliográficas**

BJELJAC-BABIC, Ranka. **6,000 languages: an embattled heritage**. Disponível em: [http://www.unesco.org/courier/2000\\_04/uk/doss01.htm](http://www.unesco.org/courier/2000_04/uk/doss01.htm). Acesso em: 13 de nov. de 2009.

COLLS, Tom. **The death of languages?** Disponível em:  
[http://news.bbc.co.uk/today/hi/today/newsid\\_8311000/8311069.stm](http://news.bbc.co.uk/today/hi/today/newsid_8311000/8311069.stm). Acesso em: 13 de nov. de 2009.

HIGA, Masaroni. **Sociolinguistic aspects of word borrowing.** Disponível em:  
[http://eric.ed.gov/ERICWebPortal/custom/portlets/recordDetails/detailmini.jsp?\\_nfpb=true&\\_&ERICExtSearch\\_SearchValue\\_0=ED102835&ERICExtSearch\\_SearchType\\_0=no&accno=ED102835](http://eric.ed.gov/ERICWebPortal/custom/portlets/recordDetails/detailmini.jsp?_nfpb=true&_&ERICExtSearch_SearchValue_0=ED102835&ERICExtSearch_SearchType_0=no&accno=ED102835) Acesso em: 12 de nov. de 2009.

HOLM, John. **An introduction to pidgins and creoles.** Disponível em:  
[http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=B7Nko5XBOegC&oi=fnd&pg=PR11&dq=%22Holm%22+%22An+Introduction+to+Pidgins+and+Creoles:+John+Holm%22+&ots=0zF8krvMV9&sig=GC8AwC0TvTd8XDNPxQd\\_okB\\_X8#v=onepage&q=&f=false](http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=B7Nko5XBOegC&oi=fnd&pg=PR11&dq=%22Holm%22+%22An+Introduction+to+Pidgins+and+Creoles:+John+Holm%22+&ots=0zF8krvMV9&sig=GC8AwC0TvTd8XDNPxQd_okB_X8#v=onepage&q=&f=false). Acesso em: 07 de dez. de 2009.

MARIAN, Viorica & KAUSHANSKAYA, Margarita. **Cross-linguistic transfer and borrowing in bilinguals.** Disponível em:  
<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract;jsessionid=E39EC8AFAB447D51CCA0036175DCA75D.tomcat1?fromPage=online&aid=836564> Acesso em: 13 de nov. de 2009.

NGOM, Fallou. **Sociolinguistic motivations of lexical borrowings in Senegal.** Disponível em: <http://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/9657/SLS2000v30.2-10Ngom.pdf?sequence=2> Acesso em: 12 de nov. de 2009.

SANKOFF, Gillian. Linguistic Outcomes of Language Contact. In: Peter Trudgill, J. Chambers & N. Schilling-Estes, eds., **Handbook of Sociolinguistics.** Oxford: Basil Blackwell, 2001, pp. 638-668.

SPEAKE, Jennifer (edited by). **Oxford Dictionary of Foreign Words and Phrases.** Oxford: Oxford University Press, 1997.

Aceito para publicação em 15 de novembro de 2010.